Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1977.

Caro Simon:

Sou-lhe muito grato pela oportunidade que me ofereceu de ler, este fim de semana, o seu livro: "São Paulo e o Estado Nacional". Permita-me que registre, de início, a minha satisfação por ter em mãos um texto brasileiro simultaneamente erudito e explícito que atinge inúmeros objetivos ao fazer a demonstração de uma tese entre nós empiricamente aceita, pelo menos desde o frustrado esforço de Washington Luiz para dar posse a Júlio Prestes. Você, no entanto, mergulha muito mais a fundo nas fontes históricas para compor um quadro completo da marginalização política vicentina.

Proclamo, depois dessa observação, a minha perplexidade com o peso do encargo que você faz recair sobre os cientistas sociais brasileiros, ao propor estudos políticos que seriam válidos na medida em que pudessem incorporar vários níveis de análise, tais como: o nível econômico, o da estrutura social, o do sistema de participação política e o de governo propriamente dito.

Parece óbvio que a elite intelectual influenciada por você e por mais uns poucos autores e professores militantes criará (talvez fatalmente) um clima de exigências analíticas e culturais cujo resultado último será o isolamento dos "pontífices" desprovidos do conhecimento e do instrumental teórico que você emprega e maneja

com admirável destreza.

O texto me deu respostas satisfatórias às questões que formulei ao iniciar a sua leitura. Apreciei muitíssimo o esclarecimento prestado por você, com os exemplos da Espanha e Itália, de que o caso paulista não constitui uma peculiaridade brasileira. Como, entretanto, a demolição de mitos culturais, gerados em esquemas rígidos de interpretação da história nacional, possivelmente representará uma contribuição de valor ainda não suficientemente bem estimado, eu lhe rendo homenagem pelo que está explícito ou implícito em relação a:

- Maurício Vinhas pág. 13.
- Inúmeros autores de esquerda que magnificaram as influências "tradicionais" ou "feudais" na evolução econômica e política do país, pág. 13.
- Otávio Ianni - págs. 16 e 127.
- Francisco Weffort – p. 17.
- Paul Singer pág.. 18.

- Isaias Golgher – pág. 67.
- *Staples Theory,* de Caves, p. 84.
- Censo Furtado – pág. 104.
- Edgar Carone – pág. 111.
- Positivistas – pág. 114/120.
- Esquerdistas e Tecnocratas – pág. 137.
- Novamente Celso Furtado – pág. 138.

Não posso deixar de reconhecer a importância histórica de você revelar disposição bastante para assanhar tantas casas de marimbondo. Mas isto acabará sendo um episódio na caminhada que nos levará (espero que necessariamente) àquela etapa em que grupos sociais articulados se compenetrarão de que o Estado e o planejamento da vida social e econômica estão aqui para ficar e de que não há mais lugar no mundo de hoje para a prevalência de interesses privados sobre os interesses coletivos. Por esta razão, como você bem diz, os melhores interesses da sociedade consistem em aceitar a existência de um Estado nacional que deve ser conduzido a níveis cada vez mais altos de bom funcionamento e acatamento explícito das necessidades sociais por ela formuladas.

Congratulo-me com você por ter dado a todos nós um texto clássico, que revela um alto grau de amadurecimento político e nos alivia da humilhação de encontrarmos com tanta frequência, em textos estrangeiros, metodologias modernas de interpretação da realidade brasileira. Recolhi do seu livro inúmeras observações particulares do Autor que me ajudarão a entender melhor certos lances da nossa evolução.

Aceite os cumprimentos do seu admirador

Gilberto Paim

Rio, 6 de fevereiro de 1977.

Ao
Professor Simon Schwartzman
IUPERJ
Rua da Matriz 82
Nesta

Caro Simon:

Sou-lhe muito grato pela oportunidade que me ofereceu de ler, este fim de semana, o seu livro: "São Paulo e o Estado Nacional". Permita-me que registre, de início, a minha satisfação po ter em mãos um texto brasileiro simultaneamente erudito e explícit que atinge inúmeros objetivos ao fazer a demonstração de uma tese entre nós empiricamente aceita, pelo menos desde o frustrado esfor ço de Washington Luís para dar posse a Júlio Prestes. Você, no ent to, mergulha muito mais a fundo nas fontes históricas para compor quadro completo da marginalização política vicentina.

Proclamo, depois dessa observação, a minha perplexida de com o peso do encargo que você faz recair sobre os cientistas s ciais brasileiros, ao propor estudos políticos que seriam válidos medida em que pudessem incorporar vários níveis de análise, tais c mo: o nível econômico, o da estrutura social, o do sistema de part cipação política e o de governo propriamente dito.

Parece óbvio que a elite intelectual influenciada por você e por mais uns poucos autores e professores militantes criará (talvez fatalmente) um clima de exigências analíticas e culturais cujo resultado último será o isolamento de "pontífices" desprovido do conhecimento e do instrumental teórico que você emprega e maneja c admirável destreza.

O texto me deu respostas satisfatórias às questões que formulei ao iniciar a sua leitura. Apreciei muitíssimo o escla recimento prestado por você, com os exemplos da Espanha e Itália, de que o caso paulista não constitui uma peculiaridade brasileira.

Como, entretanto, a demolição de mitos culturais, gerados em esquemas rígidos de interpretação da história nacional,

possivelmente representará uma contribuição de valor ainda não suficientemente bem estimado, eu lhe rendo homenagem pelo que está explícito ou implícito em relação a:

Maurício Vinhas - pág. 13.
Inúmeros autores de esquerda que magnificaram as influências "tradicionais" ou "feudais" na evolução econômica e política do País - pág. 13.
Otávio Ianni - págs. 16 e 127.
Francisco Weffort - pág. 17.
Paul Singer - pág. 18.
Isaias Golgher - pág. 67.
Staple Theory, de Caves, pág. 84.
Celso Furtado - pág. 104.
Edgar Carone - pág. 111.
Positivistas - págs. 114/120.
Esquerdistas e tecnocratas - pág. 137.
Novamente Celso Furtado - pág. 138.

Não posso deixar de reconhecer a importância histórica de você revelar disposição bastante para assanhar tantas casas de marimbondo. Mas isso acabará sendo um episódio na caminhada que nos levará (espero que necessariamente) àquela etapa em que

> grupos sociais articulados se compenetrarão de que o Estado e o planejamento da vida social e econômica estão aqui para ficar e de que não há mais lugar no mundo de hoje para a prevalência de interesses privados sobre os interesses coletivos. Por esta razão, como você bem diz, os melhores interesses da sociedade consistem em aceitar a existência de um Estado nacional que deve ser conduzido a níveis cada vez mais altos de bom funcionamento e acatamento explícito das necessidades sociais por ela formuladas.

Congratulo-me com você por ter dado a todos nós um texto clássico, que revela um alto grau de amadurecimento político e nos alivia da humilhação de encontrarmos com tanta frequência, em textos estrangeiros, metodologias modernas de interpretação da realidade brasileira. Recolhi do seu livro inúmeras observações particulares do Autor que me ajudarão a entender melhor certos lances da nossa evolução.

Aceite os cumprimentos do seu admirador

Gilberto Paim

Gilberto Paim